

## PRESENÇA FEMININA NA EPT: questões de gênero na educação superior do IFSul

*Guilherme Ribeiro Rostas<sup>1</sup>*

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense  
<https://orcid.org/0000-0002-5371-8396>

*Angelita Freitas<sup>2</sup>*

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense  
<https://orcid.org/0000-0003-1291-5067>

*Silvana Maschio<sup>3</sup>*

Instituição que possui vínculo  
<https://orcid.org/0000-0002-7386-4673>

### RESUMO:

A partir de uma perspectiva das relações sociais com enfoque de gênero, o presente artigo visa compreender como a cultura patriarcal impacta no ingresso, permanência e sucesso de estudantes do sexo feminino nos cursos superiores do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). Para tanto, analisou-se os microdados do Censo da Educação Superior de 2020, disponibilizados pelo Ministério de Educação (MEC), buscando relacioná-los com referências e processos históricos, no sentido de justificar a ausência das mulheres em determinadas áreas, explicitando a forma desigual com que sempre foram tratadas. Apoiando-se em Saffioti, Lerner e Antunes como base teórica para apresentar as acepções do conceito de gênero, patriarcado e definições sobre a divisão social e sexual do trabalho, foi possível identificar elementos que permitem entender o contexto histórico e analisar de forma crítica o tema em questão. A abordagem metodológica utilizada foi mista, de natureza exploratória e usou, como fonte, materiais bibliográficos. Foi realizado um estudo de caso com dados quanti-qualitativos, tendo como referencial de análise o materialismo histórico-dialético. Como resultado, o estudo demonstrou que a segmentação na escolha de carreiras ou especialidades técnicas se reflete, de certa forma, desigual para homens e mulheres nas matrículas. Isso parece indicar que nosso sistema educativo não forneceu uma resposta eficaz a um amplo setor de mulheres, para as quais a Educação deixou de ser um instrumento de mobilidade social, no sentido de garantir acesso ao trabalho e uma remuneração justa e proporcional ao nível de formação alcançado por essa população. Tanto o medo da perda da feminilidade quanto a valorização de habilidades diferenciadas entre os sexos se traduzem em uma série de prescrições e proibições sociais que indicam, de forma relativamente inequívoca, quais atividades, atitudes e habilidades são apropriadas para mulheres e quais não.

**Palavras-chave:** Educação profissional e tecnológica. Educação Superior. Gênero. Permanência e êxito.

---

<sup>1</sup> Doutor em Política Social (UCPEL). Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL). Grupo de Pesquisa Discurso Pedagógico (IFSUL). Brasil. [g\\_rostas@hotmail.com](mailto:g_rostas@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação e Tecnologia (PPGEDU/IFSUL). Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL). Grupo de Pesquisa Discurso Pedagógico (IFSUL). Brasil. [angel.cdeoliveira@gmail.com](mailto:angel.cdeoliveira@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação e Tecnologia (PPGEDU/IFSUL). Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL). Grupo de Pesquisa Discurso Pedagógico (IFSUL). Brasil. [silvanamaschio@ifsul.edu.br](mailto:silvanamaschio@ifsul.edu.br).

## **FEMALE PRESENCE AT EPT: GENDER ISSUES IN IFSUL HIGHER EDUCATION**

### **ABSTRACT:**

From a perspective of social relations with a gender focus, this article aims to understand how patriarchal culture impacts the entry, permanence and success of female students in higher education courses at Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). To this end, the microdata from the 2020 Higher Education Census were analyzed (made available by the Ministry of Education (MEC)), seeking to relate them to historical references and processes, in the sense of justifying the absence of women in certain areas, explaining the way unequal with which they have always been treated. Relying on Saffioti, Lerner and Antunes as a theoretical basis to present the meanings of the concept of gender, patriarchy and definitions of the social and sexual division of labor, it was possible to identify elements that allow understanding the historical context and critically analyzing the theme. The methodological approach used was mixed, exploratory in nature and used bibliographic materials as a source. A case study was carried out with quanti-qualitative data, having the historical-dialectical materialism as a reference for analysis. As a result, the study showed that the segmentation in the choice of careers or technical specialties is reflected, in a certain way, unequally for men and women in registrations. This seems to indicate that our education system has not provided an effective response to a large sector of women, for whom Education is no longer an instrument of social mobility, in the sense of guaranteeing access to work and a fair remuneration proportional to the level of studies achieved by this population. Both the fear of the loss of femininity and the appreciation of differentiated skills between the sexes translate into a series of prescriptions and social prohibitions that indicate, in a relatively unambiguous way, which activities, attitudes and skills are appropriate for women and which are not.

**Keywords:** Professional and technological education. Higher Education. Gender. Permanence and success.

## **PRESENCIA FEMENINA EN LA EPT: CUESTIONES DE GÉNERO EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR EN IFSUL**

### **RESUMEN:**

Desde una perspectiva de las relaciones sociales con enfoque de género, este artículo pretende comprender cómo la cultura patriarcal impacta en el ingreso, permanencia y éxito de las alumnas en los cursos de Educación superior del Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). Para ello, se analizaron los microdatos del Censo de Educación Superior de 2020, puestos a disposición por el Ministerio de Educación (MEC), buscando relacionarlos con referencias y procesos históricos, en el sentido de justificar la ausencia de las mujeres en determinadas áreas, explicando la forma desigual en que siempre han sido tratadas. Apoyándose en Saffioti, Lerner y Antunes como base teórica para presentar los significados del concepto de género y patriarcado, y las definiciones de la división social y sexual del trabajo, fue posible identificar elementos que permiten comprender el contexto histórico y analizar críticamente el tema en cuestión. El enfoque metodológico utilizado fue mixto, de carácter exploratorio y utilizó materiales bibliográficos como fuente. Se realizó un estudio de caso con datos cuantitativos y cualitativos, teniendo como referencia para el análisis el materialismo histórico-dialéctico. Como resultado, el estudio mostró que la segmentación en la elección de carreras o especialidades técnicas se refleja, en cierta medida, de forma desigual para hombres y mujeres en las matrículas. Esto parece indicar que nuestro sistema educativo no ha dado una respuesta eficaz a un amplio sector de mujeres,

para las que la Educación ha dejado de ser un instrumento de movilidad social, en el sentido de garantizar el acceso al trabajo y una remuneración justa y proporcional al nivel de formación alcanzado por esta población. Tanto el miedo a la pérdida de la feminidad como la valoración de las habilidades diferenciadas entre los sexos se traducen en una serie de prescripciones y prohibiciones sociales que indican, de forma relativamente inequívoca, qué actividades, actitudes y habilidades son apropiadas para las mujeres y cuáles no.

**Palabras clave:** Educación profesional y tecnológica. Educación Superior. Género. Permanencia y éxito.

## **Introdução**

Os estudos a respeito de gênero e Educação vêm figurando como temática de diversas pesquisas nos últimos anos, uma vez que as relações de gênero têm sido mediadas, ao longo da história, pela sociedade e pelas instituições educacionais.

Destarte, vimo-nos impelidos a abordar este tema, uma vez que nos permitirá melhor compreender como a cultura patriarcal – “um sistema contínuo de dominação masculina, [que] ainda predomina nas estruturas estatais, mantendo por vezes intactas as formas de divisão sexual do trabalho e perpetuando, por exemplo também, a violência cotidiana que as mulheres sofrem.” (MATOS; PARADIS, 2014, p. 68) – explica as raízes do porquê de as mulheres serem tratadas de forma desigual e estarem ausentes em diversas situações sociais da história, sobretudo nas instituições educacionais de Educação Superior.

Para tanto, tomou-se como sujeitos de análise os estudantes dos Cursos Superiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), distribuídos em trinta cursos, divididos em oito campi, além de dois cursos a distância, ofertados em polos de apoio presencial.

No que diz respeito à metodologia, o resultado da pesquisa aqui exposta encerra uma abordagem de natureza mista, isto é, com dados quanti-qualitativos, adotando como procedimento o estudo de caso. Quanto à natureza, evidencia-se como exploratória, tendo por fonte o uso de materiais bibliográficos e documentais, utilizando a técnica de levantamento de dados, por meio do tratamento dos microdados do Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020), e empregando o materialismo histórico-dialético como referencial de análise.

## **As relações sociais a partir do enfoque de gênero**

Para que se entenda como o sistema patriarcal afeta as relações de gênero, é vultoso que se saiba, antes de mais nada, que a ideologia sexista provém do patriarcado, cujo conceito, apontado por Saffioti (2015, p. 47), é de que trata-se “[d]o regime da dominação-exploração

das mulheres pelos homens.” A autora também afirma que gênero define-se como uma construção social do que é ser homem ou mulher, isto é, se refere aos conceitos sociais das funções, comportamentos, atividades e atributos que cada sociedade considera apropriados para os homens e para as mulheres, e que “[o] conceito de gênero não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes a hierarquia é apenas presumida.” (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Lerner (2019, p. 21) faz uma significativa afirmação sobre o sistema patriarcal ao alegar que

[...] o sistema patriarcal só funciona com a cooperação das mulheres, adquirida por intermédio da doutrinação, privação da educação, da negação das mulheres sobre sua história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político, e da recompensa de privilégios de classe dada às mulheres que se conformam. As mulheres participam no processo de sua subordinação porque internalizam a ideia de sua inferioridade.

Outrossim, cabe mencionar que na cultura patriarcal educa-se a sociedade na aprendizagem e no uso de uma língua androcêntrica, que faz referência à utilização de termos masculinos para se referir a ambos os sexos (os homens, os estudantes, etc.) e que o uso dessa linguagem implica na criação de desigualdades colocando as mulheres em desvantagem em relação aos homens.

Para tanto, faz-se necessário levar em conta que dentro da divisão sexual também são atribuídos papéis que as pessoas devem desempenhar a partir do gênero ao qual pertencem (masculino ou feminino), já que a sociedade alude e distribui as tarefas a homens e mulheres gerando e materializando estereótipos (homens ativos e inteligentes, mulheres passivas e emotivas), nos quais são determinadas ou consideradas as ocupações adequadas para cada sexo. Por isso,

[...] o sexismo não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres. Então, poder-se-ia perguntar: o machismo favorece sempre os homens? Para fazer justiça, o sexismo prejudica homens, mulheres e suas relações. O saldo negativo maior é das mulheres, o que não deve obnubilar a inteligência daqueles que se interessam pelo assunto da democracia. As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem. Isto constitui a raiz de muitos fenômenos, dentre os quais se pode realçar o fato de seguros de automóveis exclusivamente dirigidos por mulheres custarem menos, porque, em geral, elas não usam o carro como arma, correm menos e são mais prudentes. (SAFFIOTI, 2015, p. 37, grifos da autora).

A autora ainda salienta que:

[e]ntendido como imagens que as sociedades constroem do masculino e do feminino, não pode haver uma só sociedade sem gênero. A eles corresponde uma certa divisão social do trabalho, conhecida como divisão sexual do trabalho, na medida em que ela se faz obedecendo ao critério de sexo. Isto não implica, todavia, que as atividades socialmente atribuídas às mulheres sejam desvalorizadas em relação às dos homens. Nas sociedades de caça e coleta, por exemplo, a primeira atividade cabe aos homens e a segunda às mulheres. [...] Enquanto a coleta é certa, acontecendo cotidianamente, a caça é incerta. Um grupo de homens pode voltar da caçada com um animal de grande ou médio porte, provendo as necessidades de seu grupo, como pode voltar sem nada. Logo, a atividade dos homens, realizada uma ou duas vezes por semana, não é confiável em termos de produto. Já a das mulheres lhes permite voltar a sua comunidade sempre com algumas raízes, folhas e frutos. A rigor, então, a sobrevivência da humanidade, felizmente variando no tempo e no espaço, com esta divisão sexual do trabalho [...], foi assegurada pelo trabalho das mulheres. (SAFFIOTI, 2015, p. 60-61).

O patriarcado é uma ideologia que nos ensina que as mulheres são inerentemente inferiores, mantendo-se e apoiando-se na supremacia masculina baseada em instituições como família, religião, escola e leis (LERNER, 2019).

Em consequência disso, o presente trabalho tem por finalidade investigar como o marco epistemológico do enfoque de gênero se manifesta na permanência e êxito das mulheres na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do Ensino Superior, uma vez que a epistemologia da abordagem de gênero permite analisar o pensamento crítico em que se reclama a igualdade entre homens e mulheres, pois,

[...] conhecer a História das Mulheres muda também a vida dos alunos homens. Até porque eles aprendem que mulheres são aliadas, não inimigas, e que quem criou o conceito de “sexo oposto”, como se estivéssemos em oposição, como se fôssemos espécies distintas, não foram as feministas, e sim o patriarcado. (LERNER, 2019, p. 24, grifos da autora).

Ao se abordar a relação entre EPT e gênero, referimo-nos a duas áreas principais: uma reporta-se à equidade de gênero, que se refere à igualdade de oportunidades que deve existir entre homens e mulheres, ou seja, a igualdade de acesso à Educação Superior para todas as pessoas é fundamental, a fim de que possamos viver em uma sociedade livre de estereótipos e com igualdade de gênero. A segunda está relacionada com a socialização de gênero – ou seja, com o processo educacional em que um conjunto de fatores associados aos papéis e símbolos sociais são alusivos a ser masculino ou ser feminina –, que deve ser orientada e não atribuir papéis segundo os critérios de uma sociedade que carece de Educação.

Nesse contexto, o atual cenário político do Brasil corrobora e acentua a desigualdade ou igualdade de gênero (SAFFIOTI, 2015), uma vez que o país figura entre os países em que o investimento em todos os níveis de Educação é relativamente baixo. Apesar das últimas

reformas, parece que a Educação brasileira está estagnada, visto que não há avanços na democracia, tampouco na economia, o que acaba impactando diretamente na igualdade de oportunidades de empregos, na medida em que as mulheres são mais confrontadas ao desemprego, a empregos precários, a trabalhos de meio período e, frequentemente, com rendimentos mais baixos do que os homens ao desempenhar a mesma função.

Além disso, o emprego feminino é caracterizado por uma concentração no setor terciário, bem como um menor acesso às posições de decisão. Essas disparidades são explicadas pelas diferenças de gênero nos perfis de formação inicial, marcada por uma menor presença de mulheres jovens nas carreiras científicas e tecnológicas, geradoras de emprego (CUNHA, 2005).

Nas relações patriarcais, o poder é garantido aos homens em todos os processos que supõem um controle dos recursos e a tomada de decisões em qualquer campo. É por isso que ao longo da história as mulheres ficaram sem protagonismo e seus direitos foram violados, evidenciando-se na incorporação tardia das mulheres no campo da Educação e nos diferentes setores da sociedade (econômico, político, cultural, etc.) (SAFFIOTI, 2015).

O enfoque de gênero busca romper com padrões de desigualdade transmitidos ao longo do tempo através do patriarcado que, por meio de processos dentro da estrutura social e cultural das sociedades, condiciona a posição e a inserção das mulheres em realidades históricas concretas, ocultando o papel dessas em diferentes esferas, submetendo-as a ser espectadoras da evolução da sociedade e não partícipes da história

Por esta razão, tal abordagem se estabelece como a principal base para descobrir aqueles aspectos que de outra forma permaneceriam ocultos, como a dominação que os homens exerceram sobre as mulheres ao longo dos séculos, além da identificação de padrões culturais que continuam sendo transmitidos, com uma marcada tendência discriminatória em relação a um determinado gênero, criando desigualdade entre homens e mulheres, sobretudo no mundo do trabalho.

### **As relações de poder e a divisão sexual do trabalho como um obstáculo à permanência e êxito da mulher na Educação Superior**

As relações de gênero estão atravessadas por relações de poder, sejam privadas (família, amigos, etc.) ou públicas (religião, escola, mercado de trabalho, etc.) e as instituições refletem e perpetuam as relações sociais homens-mulheres desiguais. O gênero, nesse sentido, se refere a um sistema de organização social que outorga maior poder e status aos homens. É importante



saber que toda a ordem social se fundamenta numa divisão onipresente entre ambos os sexos, sempre em benefício do masculino, seja a divisão sexual do trabalho ou a estruturação do espaço como, por exemplo, o fato de que tradicionalmente os lugares públicos estão dedicados aos homens, e o lar às mulheres.

A diferença biológica entre ambos os sexos serve de justificativa natural à diferença socialmente construída entre os gêneros, hierarquizada e discriminatória, o que parece, de fato, totalmente natural. Essa diferenciação oposta entre os sexos se desenvolve de maneira ativa e sistemática. De acordo com Bourdieu (2020), a construção da ordem masculina – dominante, nobre, ativo, puro – se realiza em oposição à ordem feminina – dominada, inferior, passiva, impura –, e se impõe com violência. Este sistema de normas sociais acerca do que deve ser um homem ou uma mulher se traduz em estereótipos de gênero que produzem discriminações múltiplas. Esse poder simbólico é uma força invisível que governa um inconsciente coletivo, condicionando as pessoas a cumprir os papéis atribuídos com base no sexo e comprometendo-as a fazer durar a ordem estabelecida (MONTESINOS, 2007).

Responder às normas sociais de masculinidade ou feminilidade envolve também a gestão de seus próprios corpos (o modo de andar, o uso do olhar, etc.) como sua sexualidade. De modo tácito, há um lembrete moral onipresente dos papéis que homens e mulheres têm dentro da sociedade: as mulheres são tradicionalmente educadas, desde a mais tenra idade, à resignação, ao silêncio, à submissão ou a servir aos homens com seu corpo, pela proteção e reprodução de seu capital social e simbólico. Deste modo, as mulheres são tradicionalmente percebidas como um objeto simbólico de troca que constitui a reputação masculina ou o capital simbólico da família (irmãos, pais), assim como do marido (BOURDIEU, 2020).

Os homens, por sua vez, devem responder da mesma forma às regras dos dominantes, sendo “um homem de verdade”. Eles têm a obrigação social de afirmar em todas as circunstâncias sua virilidade para preservar sua “honra”, ao contrário da mulher que só pode defendê-la ou perdê-la. No entanto, a virilidade, entendida como capacidade reprodutiva sexual e social, se expressa de forma violenta (brigas, vingança, etc.) e deve ser validada pelos outros “homens de verdade”. Esse conceito é produzido para os homens contra a feminilidade, pois se a mulher é fraqueza, o homem é força; e se as virtudes das mulheres são a virgindade e a fidelidade, as dos homens são a glória e a honra.

Essa vontade de dominar é expressa pelo medo que muitos homens têm de ser excluídos da ordem masculina e, conseqüentemente, cair na ordem feminina, que gera uma constante reafirmação e valorização dessas qualidades viris, com a intenção objetiva de negar a parte

feminina nos homens. As violências aparecem, pois, como uma ferramenta legítima para se manter no poder e, inclusive, se apresentam tão naturalizadas que não são percebidas como tal.

Montesinos (2007, p. 185-186, tradução nossa) aponta que

[u]ma das atividades mais importantes da humanidade, depois da reprodução, é o trabalho. De tal modo que a função que o trabalho tem na definição dos papéis que a cultura atribui aos membros da sociedade é fundamental. É por isso que uma das estruturas mais importantes da sociedade moderna seja, precisamente, a divisão social do trabalho, que na lógica do gênero é criada como divisão sexual do trabalho (DST). E, na medida que desde a gênese da modernidade capitalista a DST definiu tanto os papéis econômicos como os espaços sociais que correspondiam a cada gênero, esta estrutura se constituiu no principal emblema do poder masculino. Uma vez que esta atribuição na estrutura econômica determinou que a mulher fique confinada ao espaço privado, enquanto ao homem lhe era atribuído o espaço público, à mulher o trabalho não remunerado e ao homem, o remunerado. [...] Isso leva à definição da posição de poder.

Logo, é basilar compreender que as relações de poder se apresentam como representações dominantes, tidas como naturais, cujo gênero é o elemento constitutivo das relações sociais, que se baseiam nas diferenças biológicas perceptíveis, ou seja, não nas intelectuais (ANTUNES, 2009).

À vista disso,

[é] evidente que a ampliação do trabalho feminino no mundo produtivo [...] é parte do processo de emancipação parcial das mulheres, tanto em relação à sociedade de classes quanto às inúmeras formas de opressão masculina, que se fundamentam na tradicional divisão social e sexual do trabalho. (ANTUNES, 2009, p. 109).

A pesquisa em tela expõe, através de um substancial levantamento, que “o capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho.” (ANTUNES, 2009, p. 109).

Ante o exposto, percebemos que a formação de mulheres se encontra estreitamente vinculada à permanência e êxito dessas no sistema educativo. Ao longo da história, a presença das mulheres na Educação Superior foi questionada por vários motivos: sua suposta inferioridade intelectual, a exigência social de sua dedicação ao que é próprio de seu sexo, a escassa motivação familiar – e também social – para que fosse continuada a sua formação, são aspectos que impediram seu acesso, sua permanência e seu êxito na Educação universitária, diferentemente da ofertada aos homens.

Através da divisão sexual do trabalho tem-se a classificação do que é considerado como curso feminino ou masculino. Assim sendo, profissões como Enfermagem ou Pedagogia têm uma concentração maior de mulheres, enquanto no Direito, na Economia e nas Engenharias, o



público é majoritariamente masculino. A feminização e a masculinização das profissões mostram profundas desigualdades de gênero em nossa sociedade, tanto no âmbito público como no privado.

O eixo temático enfoque de gênero na Educação revela alguns dados sobre desigualdades de gênero na Educação Superior, relativos à divisão sexual do trabalho nas carreiras. Dessa maneira, julga-se de suma importância quantificar e analisar os dados a respeito do acesso dos alunos e das alunas na EPT, do Ensino Superior, do IFSul, aspirando vislumbrar se há equidade de gênero no que tange à permanência e êxito na aludida modalidade de ensino.

### **Descritivo dos Cursos Superiores IFSul segundo dados do Censo da Educação Superior INEP - 2019**

#### *a- Dados gerais*

O IFSul apresenta, no Censo (INSTITUTO, 2020), o total de 4.447 estudantes vinculados aos seus Cursos Superiores. Desses, 2.719 eram do sexo masculino e 1.728 do sexo feminino. Os estudantes estão distribuídos em trinta cursos (entre Engenharias, Bacharelado, Licenciaturas e Superiores de Tecnologia (CST)) divididos em oito *campi*, além de dois cursos a distância (EaD) que são ofertados em polos de apoio presencial, conforme apresentado no Quadro 1.

**Quadro 1 – Quantidade de Cursos Superiores ofertados nos *campi* do IFSul em 2019 – números totais de estudantes divididos por sexo**

<i>Campus</i>	Curso	Masculino	Feminino	Totais
Pelotas	Computação (Licenciatura)	141	45	186
	Design (CST)	61	121	182
	Engenharia Química	64	131	195
	Engenharia Elétrica	434	86	520
	Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados (Licenciatura)	15	45	60
	Gestão Ambiental (CST)	61	135	196
	Saneamento Ambiental (CST)	54	99	153
	Sistemas para Internet (CST)	144	38	182
<b>Subtotais</b>		<b>974</b>	<b>700</b>	<b>1.674</b>
CaVG <sup>4</sup>	Agroindústria (CST)	51	48	99
	Ciências Biológicas (Licenciatura)	25	56	81
	Design de Moda (CST)	14	85	99
	Física (Licenciatura)	34	20	54
	Gestão Ambiental (CST)	32	66	98
	Gestão de Cooperativas (CST)	46	49	95

<sup>4</sup> *Campus* Pelotas – Visconde da Graça.

	Química (Licenciatura)	22	43	65
	Viticultura e Enologia (CST)	20	44	64
<b>Subtotais</b>		<b>244</b>	<b>411</b>	<b>655</b>
Passo Fundo	Ciência da Computação (Bacharelado)	90	19	109
	Engenharia Civil	109	79	188
	Engenharia Mecânica	149	26	175
	Sistemas para Internet (CST)	39	9	48
<b>Subtotais</b>		<b>387</b>	<b>133</b>	<b>520</b>
Bagé	Alimentos (CST)	14	37	51
	Análise e Desenvolvimento de Sistemas (CST)	99	35	134
	Engenharia Agrônômica	17	30	47
<b>Subtotais</b>		<b>130</b>	<b>102</b>	<b>232</b>
Charqueadas	Engenharia de Controle e Automação	204	41	245
	Sistemas para Internet (CST)	118	60	178
<b>Subtotais</b>		<b>322</b>	<b>101</b>	<b>423</b>
EaD	Pedagogia (Licenciatura)	8	143	151
	Sistemas para Internet (CST)	114	43	157
<b>Subtotais</b>		<b>122</b>	<b>186</b>	<b>308</b>
Camaquã	Análise e Desenvolvimento de Sistemas (CST)	121	27	148
Santana do Livramento	Análise e Desenvolvimento de Sistemas (CST)	43	5	48
Sapucaia do Sul	Engenharia Mecânica	376	63	439
<b>Subtotais</b>		<b>540</b>	<b>95</b>	<b>635</b>
<b>Total Geral</b>		<b>2.719</b>	<b>1.728</b>	<b>4.447</b>

Fonte: Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020) – elaborado pelos autores

Considerando que 1.728 estudantes do sexo masculino representam 61,1% do total (2.719), para fins deste estudo, classificaremos os cursos em três categorias (masculinos, femininos e neutros). Para tanto, adotaremos o percentual de 60% de prevalência de um gênero em relação ao outro como sendo predominante. Logo, temos:

**Quadro 2 – Parâmetros de identificação dos cursos em relação ao gênero**

<b>Categoria</b>	<b>Parâmetros de Frequência de Estudantes</b>
Masculinos	do sexo Masculino > 60%
Femininos	do sexo Feminino > 60%
Neutros	de ambos os sexos – entre 40% e 60%

Fonte: Elaborado pelos autores

A classificação descrita no Quadro 2 é arbitrária e se aplica especificamente para o caso do IFSul. Levou-se em consideração a média de prevalência do gênero masculino por ser predominante na amostra (se considerar somente a instituição, trata-se de universo) selecionada. A classificação por *campus* de oferta dos cursos está expressa no Quadro 3.

**Quadro 3 – Distribuição dos *campi* de acordo com a tipologia de gênero – Cursos Superiores**

<b>Campus</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Classificação</b>
Pelotas	58,2%	41,8%	Neutro
CaVG	37,3%	62,7%	Feminino

Passo Fundo	74,4%	25,6%	Masculino
Bagé	56,0%	44,0%	Neutro
Charqueadas	76,1%	23,9%	Masculino
EaD	39,6%	60,4%	Masculino
Camaquã	81,8%	18,2%	Masculino
Santana do Livramento	89,6%	10,4%	Masculino
Sapucaia do Sul	85,6%	14,4%	Masculino

**Fonte:** Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020) – elaborado pelos autores

Os oito *campi* que ofertam Educação Superior e os cursos a distância, classificados em suas unidades, apontam a prevalência masculina em seis desses, dois neutros e apenas um *campus* com perfil feminino.

Outra forma possível para classificar os cursos seria uni-los em quatro categorias de oferta, a saber: Engenharias, Bacharelado, Licenciaturas e CSTs. Observa-se, conforme os dados quantitativos do Quadro 4, que a maior prevalência masculina se dá, nesse caso do IFSul, nos cursos de Engenharia e, em contrapartida, a maior prevalência feminina ocorre nas Licenciaturas. Os CSTs, como cursos de maior oferta, apresentam um relativo equilíbrio no perfil de gênero, ligeiramente tendendo para o público masculino.

#### **Quadro 4 – Quantidade de Cursos Superiores do IFSul de acordo com a prevalência de gênero e tipos de oferta em 2019**

Tipo de curso	Frequência da prevalência			Totais
	Masculino	Feminino	Neutro	
Bacharelado	1	0	0	<b>1</b>
CSTs	7	6	2	<b>15</b>
Engenharias	4	2	1	<b>7</b>
Licenciaturas	2	5	0	<b>7</b>
<b>Totais</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>3</b>	<b>30</b>

**Fonte:** Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020) – elaborado pelos autores

Observando o número de cursos e a prevalência de gênero, faz-se necessário conhecer a distribuição de estudantes por meio dessa clivagem que remete à imprescindibilidade de estabelecer a relevância por meio do quantitativo de estudantes. Assim, no Quadro 5 classifica-se esse quantitativo de acordo com o tipo de curso.

#### **Quadro 5 – Matrículas totais em Cursos Superiores do IFSul de acordo com a prevalência de gênero e tipos de oferta em 2019**

Tipo de curso	Quantidades		
	Masculino	Feminino	Totais
Bacharelado	90	19	109
CSTs	1.031	901	1.932
Engenharias	1.353	456	1.809
Licenciaturas	245	352	597
<b>Totais</b>	<b>2.719</b>	<b>1.728</b>	<b>4.447</b>

**Fonte:** Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020) – elaborado pelos autores

À face do exposto, observa-se que é possível considerar os cursos de Engenharia como masculinos e os cursos de Licenciatura como femininos, tendo em conta os critérios adotados para esta análise e a representatividade deles. Embora os CSTs tenham maior prevalência numérica em relação às Licenciaturas, no geral acabaram por ser considerados neutros em virtude do relativo equilíbrio entre os gêneros.

Para efeito deste estudo, por se tratar de um recorte de uma análise que envolve a totalidade dos Cursos Superiores do IFSul, foram selecionados dois cursos, um de Engenharia e outro de Licenciatura, que têm, individualmente, a maior prevalência coincidente com o seu grupo de cursos. Por conseguinte, o curso de Engenharia Elétrica do *campus* Pelotas (520 estudantes, sendo 434 masculinos e 86 femininos) e o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CaVG (81 estudantes, sendo 25 masculinos e 56 femininos) formam nossa amostra para analisar a permanência e êxito dos estudantes segundo a classificação de gênero presente no Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020).

#### *b- Curso de Engenharia Elétrica (masculino)*

Selecionado o curso de Engenharia Elétrica do *campus* Pelotas apresentou no Censo da Educação Superior de 2019 um total de 520 estudantes sendo que, destes, 390 apresentaram o *status* cursando para a matrícula e 15 como formados naquele ano. Somando-se os dois grupos, obtemos o total de 405 estudantes que foram considerados como matrículas efetivas. Dos totais, o censo apresenta dados quantitativos para: matrícula trancada, desvinculado do curso, transferido para outro curso da mesma Instituição de Ensino Superior (IES) e falecido, que representam as matrículas consideradas inativas, somando o total de 115, nessa situação. O Quadro 6 detalha esta segmentação discriminando os quantitativos dentro da classificação de gênero.

**Quadro 6 – Situação das matrículas no curso de Engenharia Elétrica (IFSul) - 2019**

Situação	Masculino	Feminino	Totais
Cursando	337	53	390
Formados	10	5	15
<b>Matrículas efetivas</b>	<b>347</b>	<b>58</b>	<b>405</b>
Matrícula trancada	33	8	41
Desvinculado do Curso	52	18	70
Transferido para outro curso da mesma IES	2	2	4

Falecido	0	0	0
<b>Matrículas inativas</b>	<b>87</b>	<b>28</b>	<b>115</b>
<b>Total geral</b>	<b>434</b>	<b>86</b>	<b>520</b>

Fonte: Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020) – elaborado pelos autores

Considerando o grupo de matrículas inativas, a relação entre o público feminino e os totais gira em torno de 24,3%. Em contrapartida, as matrículas femininas efetivas correspondem a apenas 14,3% de seus totais. Aqui, vislumbra-se uma tendência de maior evasão do público feminino. Ao se levar em consideração esses totais em relação ao tempo de permanência no curso, podemos observar no Quadro 7 o comportamento da evasão.

**Quadro 7 – Quantitativo de matrículas por gênero e percentual de integralização – Curso de Engenharia Elétrica (IFSul) - 2019**

Integralização do curso	Matrículas Ativas		Matrículas inativas	
	M	F	M	F
0% a 19%	160	24	60	19
20% a 39%	70	18	20	8
40% a 59%	54	1	5	1
60% a 79%	32	2	1	0
80% a 100%	31	13	1	0
<b>Totais</b>	<b>347</b>	<b>58</b>	<b>87</b>	<b>28</b>

Fonte: Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020) – elaborado pelos autores

Os dados do Quadro 7 evidenciam que a evasão, no ano de 2019, ocorreu especialmente nos estudantes que tinham até 19% de integralização do curso de Engenharia Elétrica. Observando os quantitativos nesse intervalo, percebe-se que as matrículas inativas do grupo feminino se aproximam dos totais de seu análogo de matrículas ativas (19 e 24, respectivamente).

Assim, além de evidenciar a evasão no início do curso, percebe-se diferenças significativas entre os gêneros. O único indicador de maior prevalência feminina se dá no último intervalo (80% a 100%). Isto posto, nota-se o índice de evasão proporcionalmente maior no público feminino nesse curso. Por outro lado, os concluintes em 2019, totalizaram 15 estudantes, dos quais um terço era composto por mulheres (5), o que reflete um percentual relativamente maior de sucesso feminino, entretanto os dados correspondem ao comportamento das matrículas no ano de 2019. Para se ter um perfil mais consistente desse grupo há a necessidade de uma comparação longitudinal que, lamentavelmente, o material disponível para essa análise não ofereceu.

Diante disso, mesmo em havendo diferenças entre a participação feminina no curso, é evidente a superioridade numérica de estudantes do grupo masculino, o que corrobora com as

análises gerais acerca do curso. Portanto, percebemos como a divisão sexual do trabalho impacta as relações sociais, uma vez que os homens realizam certos tipos de trabalhos – como por exemplo a Engenharia – que estão relacionadas com características que a sociedade atribuiu a eles como suas próprias, ou seja, inteligentes e fortes, por exemplo. Esses trabalhos são valorizados pela sociedade porque produzem ganho monetário e são realizados fora de casa.

*c- Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (feminino)*

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do *campus* Pelotas – Visconde da Graça, apresentou, no Censo da Educação Superior de 2019, um total de 81 estudantes sendo que, desses, 67 apresentaram o *status* “cursando” para a matrícula e 2 “formados” naquele ano. Somando-se os dois grupos, obtemos o total de 69 estudantes, que foram considerados como matrículas efetivas. Dos totais, o censo apresenta os mesmos dados quantitativos (matrícula trancada, desvinculado do curso, transferido para outro curso da mesma IES e falecido) que representam as matrículas consideradas inativas, cuja soma total é de 12 nessa situação. O Quadro 8 detalha esta segmentação discriminando os quantitativos dentro da classificação de gênero.

**Quadro 8 – Situação das matrículas no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (IFSul) - 2019**

Situação	Masculino	Feminino	Totais
Cursando	22	45	67
Formados	1	1	2
<b>Matrículas efetivas</b>	<b>23</b>	<b>46</b>	<b>69</b>
Matrícula trancada	1	5	6
Desvinculado do Curso	1	5	0
Transferido para outro curso da mesma IES	0	0	0
Falecido	0	0	0
<b>Matrículas inativas</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>12</b>
<b>Total geral</b>	<b>25</b>	<b>56</b>	<b>81</b>

Fonte: Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020) – elaborado pelos autores

Mesmo considerando a quantidade menor de matrículas em relação ao curso de Engenharia Elétrica, é possível perceber que há uma maior evasão entre o público feminino (10) que representa cerca de 22% em relação ao total de estudantes deste grupo (46). Já os dados considerados inativos, próximos à evasão, apresentam apenas dois estudantes do total do grupo masculino (23), que representam aproximadamente 9% do seu total. A exemplo das análises



anteriores, no Quadro 9 apresentamos os quantitativos de matrículas em relação ao percentual de integralização no curso.

**Quadro 9 – Quantitativo de matrículas por gênero e percentual de integralização – Curso de Engenharia Elétrica (IFSul) - 2019**

Integralização do curso	Matrículas Ativas		Matrículas inativas	
	M	F	M	F
0% a 19%	8	18	2	7
20% a 39%	3	7	0	3
40% a 59%	2	11	0	0
60% a 79%	7	5	0	0
80% a 100%	3	5	0	0
<b>Totais</b>	<b>23</b>	<b>43</b>	<b>2</b>	<b>10</b>

**Fonte:** Censo da Educação Superior (INSTITUTO, 2020) – elaborado pelos autores

O Quadro 9 apresenta os percentuais de integralização do curso calculados entre a data do censo e a data de matrícula registrada pelo estudante. Assim, percebe-se que o curso apresenta maior população em seus anos iniciais, o que implica em questionar o grau de evasão que ocorre nele. Porém, por se tratar de um banco de dados que retrata a realidade do ano de 2019 de forma censitária, é possível supor um comportamento mais acentuado na evasão conforme o curso vai avançando. No último percentil (80 a 100%), percebe-se uma menor diferença entre os quantitativos dos dois gêneros, e no intervalo anterior (40 a 59%) observou-se a prevalência do gênero masculino, porém com tendência de equilíbrio.

Perante o exposto, é perceptível um comportamento atípico na prevalência do grupo feminino nesse curso, o que enseja taxas de evasão desproporcionais, ou seja, a permanência no curso aparentemente é mais significativa no público masculino. Tal comportamento instiga mais investigações em outros cursos de predominância feminina. Todavia, o espaço e o material disponíveis para este relato não permitiriam maior aprofundamento dessas análises. Desse modo, essas questões serão encaminhadas para futuras pesquisas a fim de avaliar tais comportamentos observados.

A segmentação na escolha de carreiras ou especialidades técnicas se reflete, de certa forma, desigual para homens e mulheres na matrícula. Isso parece indicar que nosso sistema educativo não forneceu uma resposta eficaz a um amplo setor de mulheres, para as quais a Educação deixou de ser um instrumento de mobilidade social, no sentido de garantir acesso ao trabalho e uma remuneração justa e proporcional ao nível de formação alcançado por essa população.

## **Considerações finais**

Gênero é uma categoria analítica que nos permite compreender as relações entre os sexos como uma construção social, cultural e histórica. É uma categoria eminentemente relacional e crítica, que engloba a análise de identidades, perspectivas e relações entre mulheres e homens, entre mulheres e mulheres e entre homens e homens. Através desta categoria é possível ver como diferentes sociedades priorizaram o masculino sobre o feminino e converteram a diferença em desvantagem ao propiciar relações de dominação/subordinação entre os sexos, fortalecendo as relações de poder.

Nesta abordagem, o gênero não é um dado, mas sim um fazer, algo que está em andamento e usa grupos discretos de comportamentos bem definidos, que proporcionam um conhecimento coletivo sobre como agir em situações sociais e produzir encenações reconhecíveis de masculinidade e feminilidade. Para ter sucesso, a implantação do gênero deve ser ajustada com precisão a cada situação específica, e deve permitir as modificações e transformações que cada ocasião exige.

Nesse contexto conceitual, não existem inclinações “naturais” ou “biológicas” que façam certos corpos mais parecidos com certas atividades; é o próprio corpo que se constitui naquilo que Bourdieu (2020, p. 14-15) caracteriza como o “longo trabalho coletivo de socialização do biológico e da biologização do social”. Para o autor, existem dois sistemas de diferenças sociais naturalizados, que se inscrevem em duas *hexis* corporais na forma de duas classes opostas e complementares de posturas, porte, presença e gestos, e nas mentes que os percebem, de acordo com uma série de oposições dualistas milagrosamente ajustadas às distinções que elas contribuíram para produzir; a *hexis* corporal é diferenciada sexualmente naquilo que ele chama de *somatização do cultural*.

Aqui é importante falar da existência dos três tipos de curso (masculinos, femininos e neutros), sendo que analisamos os dois polos extremos observados no universo selecionado (IFSul). Embora o quantitativo de estudantes no curso de Ciências Biológicas seja significativamente menor, há indícios que nos permitem analisar o comportamento da permanência e êxito das mulheres, mesmo em um contexto em que se configuram como maioria expressiva.

Na Engenharia Elétrica, fica evidente a superioridade numérica dos homens em relação às mulheres. Os dados analisados apontam, por consequência, comportamentos similares tanto na permanência como no êxito dos estudantes. No caso das profissões escolhidas, é possível observar a composição e distribuição das matrículas orientadas pelo sexo do corpo discente.

A predileção dos homens por estudar carreiras afins com as áreas exatas – Física, CSTs e Engenharias – do conhecimento é refletida no número de matriculados e tem uma expressão muito clara na escolha das opções. As porcentagens de mulheres nas áreas exatas (relacionadas à Física e às Engenharias) permanecem notavelmente baixas, especialmente em comparação com o expressivo número de matrículas femininas nas áreas da Educação e das Ciências Biológicas.

De acordo com Saffioti (2013, p. 95) a ideia de que o casamento e a instituição de uma família são sua meta/obrigação de vida, fez com que a mulher não buscasse uma qualificação de sua força de trabalho, mas sim uma especialização que outorga às mulheres ocupações subalternas que, ainda que lhes garanta uma remuneração, não lhes assegura uma promoção, “[e] as próprias mulheres, em sua imensa maioria, têm de si próprias uma imagem cujo componente básico é um destino social profundamente determinado pelo sexo.”.

Ao longo desse estudo pode-se observar uma série de condicionamentos de gênero que dificultam a entrada, a permanência e o avanço da mulher no mundo das Ciências Exatas, mais especificamente, a partir do grupo estudado, nas Engenharias.

Tanto o medo da perda da feminilidade quanto a valorização de habilidades diferenciadas entre os sexos se traduzem em uma série de prescrições e proibições sociais que indicam, de forma relativamente inequívoca, quais atividades, atitudes e habilidades são apropriadas para mulheres e quais não. Dessa forma, como explica Bourdieu (2020), as relações sociais produzem dois tipos de *habitus* na forma de *hexis* corpóreas que levam a classificar todas as coisas no mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino.

Embora ainda hoje se mantenha viva uma divisão sexual do trabalho, herdeira de visões antigas, é cada vez mais evidente a condição de gênero nessa separação de atividades. Aproximando-se das ações práticas ordinárias, é possível decifrar algumas das contradições mais evidentes do senso comum. Desta forma, entende-se as relações de gênero como uma “máquina simbólica” que administra o que é apropriado e inadequado na distribuição de esferas de ação entre mulheres e homens (Bourdieu, 2020).

A linha tênue que separa essas esferas permite ressignificações constantes. Embora hodiernamente as mulheres que se atrevem a violar a divisão enfrentam um questionamento de sua feminilidade, também é verdade que a vida prática oferece estratégias para lidar com a hostilidade e redefinir o “autenticamente” feminino.

## Referências

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução: Maria Helena Kühner. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. [eBook] 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior**: Microdados, 2019. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/microdados/microdados\\_educacao\\_superior\\_2019.zip](https://download.inep.gov.br/microdados/microdados_educacao_superior_2019.zip). Acesso em: 03 março 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MATOS, Marlise; PARADIS, Clarisse Goulart. Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro. **cadernos pagu (43)**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2014, p.57-118.

MONTESINOS, Rafael. Ensayando sobre nuevas tipologías de la masculinidad. In: GUERRERO, Olivia Tena; GUZMÁN, Lucero Jiménez. **Reflexiones sobre masculinidades y empleo**. Cuernavaca, Morelos: CRIM – Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias/UNAM, 2007. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Mexico/crim-unam/20100428124919/Masculyempleo.pdf>. Acesso em: 30 março 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero patriarcado violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

**Recebido em:** 23 de abril de 2022.

**Publicado em:** 30 de maio de 2022.